

REVISTA BIBLIOGRÁFICA

ALES HRDLICKA — *The skeletal remains of Early Man* — «*Smithsonian Miscellaneous Collections*», vol. LXXXIII. Washington, 1930.

É um belo volume de cerca de 400 páginas, admiravelmente ilustrado, em que o sábio antropólogo de Washington estuda os restos osteológicos do homem primitivo, sem esquecer a análise das condições de jazida. Já em 1914 o Dr. Hrdlicka publicara um trabalho sobre o mesmo assunto, mas desde essa data novos achados e novos pontos de vista surgiram. Em relação ao volume de 1914, o presente livro apresenta-se imensamente ampliado.

Trata-se dum livro fundamental, em que nenhum detalhe é esquecido e em que a observação directa realizada pelo autor substitui em geral informes de segunda mão. Este facto valoriza consideravelmente o volume.

Merecem especial menção os capítulos sobre o *Pithecanthropus*, sobre o *Eoanthropus* e sobre o homem da Rodésia. Os crânios de Roma, de Tabgha e do *Sinanthropus* já são estudados neste trabalho, embora o primeiro muito sumariamente. O autor resume, num dos últimos capítulos do livro, os caracteres físicos da fase neandertaliana da evolução humana, acompanhando essa exposição de considerações críticas.

MENDES CORRÊA.

FRANCISCO DE LAS BARRAS DE ARAGÓN — *Estudios de los cráneos antiguos de Canarias existentes en el Museo Antropológico Nacional* — Mem. da «*Soc. Esp. de Antrop. Etnogr. e Preh.*». Madrid, 1930, 153 págs. e 15 figs.

Excelente trabalho de síntese sobre antropologia dos guanches, habitantes das Canárias ao tempo da conquista europeia.

Refere a princípio o material antropológico e arqueológico (63 crânios e várias múmias) sobre o qual foi elaborado este estudo. Há ainda a acrescentar as notas pelo A. colhidas noutros

crânios e em duas mandíbulas guanches existentes no Museu de História Natural da Universidade de Sevilha.

Passam-se em revista as opiniões de vários antropólogos espanhóis e estrangeiros que tem abordado o assunto e emitido opinião sobre o problema étnico das Canárias. Ali figuram as opiniões dos professores portugueses drs. Mendes Corrêa e Eusébio Tamagnini.

O sr. prof. Barras faz para cada crânio a descrição sucinta do mesmo, apresentando as medidas respectivas. Compara os índices obtidos com os valores dados por Quatrefages e Hamy para a raça de Cro-Magnon.

E é assim que, a pág. 136, conclui o seu estudo deste modo: «Como resultado general de las medidas e índices que hemos obtenido y de su comparación, sacamos la consecuencia de hallar confirmada una vez más la presencia de la raza de Cro-Magnon en el archipiélago canario y confirmado también el enorme mestizaje sufrido por ella desde una remota antigüedad, habiéndose mezclado con las otras razas blancas del Norte de Africa y también con elementos negros, aunque escasos, según las últimas afirmaciones del dr. Verneau, pero sobresaliendo la influencia berebere sobre las otras, que siempre se prestan más a dudas y a discusión, y es porque, aun cuando existan, su acción ha sido mucho menor, y no siempre, ni mucho menos, aparecen».

As últimas páginas da memória do distinto antropólogo e catedrático da Universidade de Madrid, são transcritas da obra de D. Juan Vilanova y Piera y D. Juan de Dios de la Rada y Delgado, intitulada *Geología y Protohistoria Ibéricas*. Esta transcrição refere-se à antiga civilização canária comparada com a da Península Ibérica, dá notícia de alguns objectos de pedra polida, cerâmica de vária natureza e outras notas de interesse arqueológico manifesto. São particularmente interessantes os sinais gravados em rocha e que constituirão, como ali se lê, *inscripciones y letreros*.

SANTOS JÚNIOR.

J. R. SANTOS JÚNIOR — *Pinturas megalíticas no concelho de Carraceda de Anciães* — 38 págs., 7 figs. e 4 ests. (Publicação do Instituto de Antropologia da Univ. do Porto, subsidiada pela Junta de Educação Nacional), Porto, 1930.

Os dolmens em que o sr. dr. Santos Júnior descobriu as pinturas descritas neste trabalho, já eram conhecidos dos arqueó-

logos, mas as pinturas ali existentes tinham passado despercebidas até que o sr. dr. Santos Júnior as encontrou e estudou.

Na *Casa da Moura*, de Vilarinho da Castanheira, registou o autor pinturas a vermelho que deveriam ser os restos de composições pictográficas mais extensas. Havia ali SS deitados, um 8, um 8 prolongado superiormente por uma recta terminado por um círculo, e um sinal isolado com um semi-círculo de que partia um traço em forma de gancho.

Na *Casa da Moura*, de Zêdes, encontrou o autor em três esteios pinturas mais numerosas e variadas, entre as quais figuram uma serpente, várias linhas sinuosas, um 8 incompleto e várias representações esquemáticas da figura humana. Há um sinal mais complexo que lembra uma ave, mas que ao autor não repugna considerar também um esquema da figura humana.

O sr. dr. Santos Júnior, que, em estampas fora do texto, dá uma carta da região com a localização dos dolmens e boas fotografias destes, fornece também uma boa fotografia duma serpente gravada no *Penêdo do Cobrão*, do castro do Baldoeiro, Moncorvo. Este e outros petroglifos de serpentes foram ali descobertos pelo autor.

A exposição dos importantes achados é acompanhada de confrontos com outros e de considerações cronológicas que naturalmente veem a propósito.

M. C.

EUGÉNIO JALHAY — *O tesoiro de Álamo (Moura, Alentejo)* — 12 págs., 3 figs. Separata da «Brotéria». XII. Lisboa, 1931.

O tesoiro de Álamo (concelho de Moura), descoberto casualmente em Maio de 1930, consta de três colares ou torques e dois braceletes, tudo de ouro. O primeiro colar, se não fôsse ôco, apresentaria afinidade com os de Penela e Portel (Evora), conquanto a sua decoração seja menos rica. O segundo, que é triplo, lembra o de Roch. Guyon (Morbihan), um bracelete de Larnaud (Jura) e uma xorca de prata do Museu de Castelo Branco com idêntico género de ornamentação unida por soldadura. Um terceiro colar, laminiforme, não tem paralelos senão talvez na Suécia quanto à forma, mas na ornamentação é o que mais se assemelha aos torques de Penela e Portel. Os braceletes tem afinidades com outros do nosso país. A decoração mais curiosa é uma figura antropomorfa do colar laminiforme.

Depois de expôr proficientemente estes factos e as condições

do achado, o rev. Eugénio Jalhay procura fixar os elementos para a cronologia daquelas joias, cujo toque é baixo em relação a várias outras peças portuguesas. Não se decide, porém, dum modo definitivo, acentuando embora que o facto de serem ôcos os colares lhes indica uma data posterior aos de Sintra, Penela e Portel, maciços e considerados anteriores a 1000 a. C. Segundo S. Reinach, já na época de Hallstatt há joias de oiro ôcas. Assim, os objectos de Álamo, sendo provavelmente pre-romanos, não são anteriores a Hallstatt, podendo mesmo alguns dêles atribuir-se a um período mais recente, porventura até ao período da romanização. Segundo o autor, é possível, de facto, que se trate de joias de épocas diferentes.

O trabalho do ilustre arqueólogo é consciencioso e erudito.

M. C.

MANUEL GÓMEZ-MORENO — *Provincia de Zamora* — Catálogo monumental de España. Ministerio de Instrucción Pública y Bellas Artes. I. Texto 375 págs. II. Láminas. 1 mapa e 356 ests. Madrid, 1927.

De grande interesse para o estudo arqueológico da confinante província de Bragança, a obra magnífica de Gomez-Moreno dispensa vãos comentários e não permite curtos resumos — impõe-se a sua leitura.

Do numeroso material minuciosamente descrito, apontaremos o referido nos capítulos: *Megalitos*; *Castros*; *Despoblados antero-romanos*; *Ciudades*; *Vias romanas*.

A sua consulta corrobora as palavras de G.-M. relativas à raiana *Terra de Aliste* «que sólo convencionalismos políticos separan de la tierra portuguesa de Braganza».

R. S. P.

FLORENTINO LÓPEZ CUEVILLAS e XOAQUIN LOURENZO FERNÁNDEZ — *Vila de Calvos de Randín* — (Notas etnográficas e folclóricas). Publ. «Seminário de Estudos Galegos», Santiago de Compostela, 1930, 76 págs., XVII lam. e 45 figs.

Nesta interessante monografia da vila de Calvos, sem dúvida o mais importante núcleo populacional do vale do Sales, situado

em terras da Galiza que enfrentam com o concelho transmontano de Montalegre, faz-se o estudo daquela povoação debaixo de vários aspectos.

Assim, no primeiro capítulo os AA. descrevem-nos a paisagem agreste da montanha com suas fortes nevadas invernais e ventos agrestes de geadas que queimam as searas de centeio e fustigam a arborização escassa daquelas serranias.

Depois no capítulo «Etnografia prehistórica» o *coto de penas altas*, a *necropole con antas* (7 mamôas algumas com câmaras dolménicas derrubadas e já remexidas), e o *acobillo de machados de alvado* merecem uma série de judiciosas considerações que os AA. vão relacionando com os achados do norte de Portugal. Na parte que diz respeito ao grupo de sepulturas de incineração encontradas ao rasgar uma estrada próximo de Calvos, nas quais apareceram curiosos vasos de cerâmica campaniforme, reedita-se, aumentado com novas considerações e material, o que sobre êsses interessantes vasos eneolíticos nos disse o ilustre publicista galego D. Florentino L. Cuevillas no seu estudo «Novas cerâmicas das antas galegas» publicado no vol. IV dos «Trabalhos» da nossa Sociedade.

A parte etnográfica tem grande desenvolvimento alargando-se os AA. em considerações sobre diferentes tipos arquitectónicos que na construção das casas se observam, sobre o nascimento, a morte e o casamento, alimentação e vestuário, trabalhos agrícolas, criação de gado, medicina popular, etc.

É rica a colheita folclórica, que compreende uma bela colectânea de contos populares, romances, adivinhas e uma longa série de quadras.

S. J.

UGO RELLINI — *Le origini della civiltà italiana* — Biblioteca di Scienze e Filosofia, n.º 4, 117 págs., 21 figs. e 2 est., 1 quadro e 1 mapa desdobráveis. Roma, 1929.

Dedicado ao prof. Boule, êste livro é a ampliação da lição inaugural de paleoetnologia na Universidade de Roma (1928) sobre «Svolgimento e lacune della preistoria d'Italia».

Síntese muito oportuna e útil dos vastos conhecimentos do A., sucessor de Pigorini, encontram-se nela pontos de vista pessoais sobre o miolítico e eneolítico, que suscitam a discussão e revisão de numeroso material arqueológico.

Muito interessantes as cabanas circulares sardas, de Serra

d'Alto, etc. e a reconstrução do templo de S. Vittoria (Serri), pelos dados comparativos de construção que fornecem.

R. S. P.

A. CHILDE — Guia das collecções de archeologia classica — Museu Nacional do Rio de Janeiro (IV secção). 109 págs., figs. inums. Rio de Janeiro, 1919.

A descrição dos objectos é acompanhada dum comentário erudito explicando a sua utilização.

É extremamente curiosa uma conta de vidro policrómico (n.º 2116) encontrada com outra dentro duma urna funerária, em Linha Grande (Rio Grande do Sul). Pertence sem dúvida a um tipo vulgar na bacia mediterrânea, representando, por isso, um problema a sua introdução no Brasil.

Como a sepultura é apenas « considerada como muito antiga » (pág. 57), não nos custa a crer que tivesse passado da mão dos portugueses para os indígenas, pois ainda hoje é relativamente freqüente o achado destas contas no sul de Portugal. Já Estácio da Veiga as comparou a contas semelhantes que adornavam os nichos dos conventos de Chelas e Marvila (Antiguidades etc., IV, pág. 264, est. XXXII).

Outra prova da atracção exercida pelo belo aspecto destes adornos está numa conta igual, depositada no Museu Antropológico do Porto, pois era usada como conta lactal por uma mulher que a trouxera do sul do país. A mesma origem supomos ter outra conta deste tipo encontrada no Ribeiro de Valongo (Barroso).

R. S. P.

VINCENZO-CASTRILLI — La Scelta professionale attraverso le statistiche universitarie — (Estratto dagli Anuali del Seminario Giuridico Economico della R. Università di Bari, ano I, fasc. I, Bari, 1927).

Uma das conseqüências imprevistas do após a guerra foi o excessivo número de doutoramentos, que significavam a procura duma situação pelas carreiras liberais.

Já antes da grande guerra, as estatísticas mostravam o aumento sucessivo do número de mancebos que seguiam os estudos universitários, o que foi atribuído ao aumento demográfico e ao

desenvolvimento das condições económicas. Depois da guerra as Universidades foram invadidas por verdadeiro fluxo de estudantes, em comparação com o lento acesso antes da guerra (1915). Em 1919-20 a estatística verificou o aumento de 70 %, depois do que se operou a redução no número de matrículas, continuando a afirmar-se a mesma tendência para os estudos universitários.

Hoje pode dizer-se que é só na Faculdade de Medicina que semelhante acréscimo se acusa. Isto parece ser devido ao incremento de medidas sanitárias e profiláticas desenvolvidas pela guerra, em cujo período a deficiência de serviços de higiene e profilaxia tanto se fêz sentir.

Embora o regresso à paz tornasse lógica a deminuição de interesse neste sentido e o conseqüente desvio de actividades para outros campos, o desnivelamento entre a oferta e a procura mantém-se. Por vezes e em diversas épocas se repetiu o fenómeno, vindo todavia mais tarde a desaparecer.

Que factores impelem a mocidade das escolas? Geralmente o económico — aquele que maiores vantagens imediatas parece apresentar — é o que tende a prevalecer. A chamada vocação (inconfundível apenas em pouquíssimas e excepcionais organizações), vulgarmente apenas talento e sufocada por circunstâncias ocasionais de época e de ambiente, poucas vezes consegue vir luminosamente ao de cima e impor-se.

Pelas estatísticas chega-se a estabelecer que na Itália a linha de transmissão hereditária, com respeito à carreira escolhida, representa uma percentagem exígua de cerca de 20 %. O que inegavelmente se impõe, na Prússia como na Itália, é o constante aumento de estudantes das classes mais modestas, indício seguro de movimento ininterrupto ascencional, que produz a renovação das camadas superiores.

Seria curioso indagar se a tal percentagem se mantém por todos os cursos, tanto nas escolas primárias como nas secundárias. Pode-se todavia chegar à conclusão de que esta corrente ascencional atinge as classes universitárias com bastante redução, em virtude da selecção operada através de cursos e de obstáculos sucessivos. A não ser porém por motivo de acréscimo de velocidade improvável, este *roulement* não se afigura ameaçador para a futura constituição social. Vista a inferioridade reprodutora das classes intelectuais, havia de vir o momento forçosamente em que a procura excederia a oferta. Momentaneamente a oferta continúa excessiva em relação à procura, no campo da actividade intelectual. Este desequilíbrio tornou-se sensível a todo o mundo, mesmo nas classes que se poderiam chamar dos colaboradores intelectuais da indústria — a dos engenheiros e a dos químicos.

A crise não foi só de quantidade. A crise de qualidade afirma-se com um acréscimo não de todo o ponto explicável.

O autor refere-se especialmente ao que se passa na Itália, quanto a esta manifestação da vida intelectual universitária. A predominância das matrículas existe, sobretudo, nas escolas do Sul em relação às do Norte.

Nas províncias do Norte as matrículas nas Faculdades de Ciências (ciências físicas, matemáticas e naturais), sem esquecer a engenharia, conservam a predominância em comparação com qualquer outra corrente escolar, representando 90 % da totalidade dos estabelecimentos de ensino.

É na província da Apúlia onde, desde os últimos 40 anos, em comparação com a época após a guerra, se manifesta a actividade universitária com maior acréscimo. A fundação da Universidade de Bari satisfaz a aspiração regional, desde muito revelada. A região só poderá lucrar com isto, se conseguir afirmar-se, entrando com maior número de valores nas classes dirigentes e confirmando as nobres tradições que, desde remotas eras, as gentes da Apúlia tem sabido honrar.

BETHENCOURT FERREIRA.

L. MAC-AULIFFE — *Nouveaux documents statistiques sur le déterminisme du sexe chez les français* — Comunicação feita ao XV Congresso Internacional de Antropologia. Pôrto, 1930.

A primeira parte deste trabalho é destinada à verificação da lei aproximativa de Hoffaker-Sadler a qual expressa *que o sexo do progenitor mais velho prevalece nos descendentes*.

No estudo do prof. Mac-Auliffe a confirmação desta lei acha-se inteiramente feita, exceptuando os filhos de pais que excedam 1 dia até 5 anos a idade da mãe, devida a circunstâncias de maturidade sexual estudadas noutro ponto.

Pela publicação do trabalho do dr. M. Auliffe, vê-se que a idade dos progenitores tem influência directa sobre o sexo dos descendentes.

Esta influência da idade sobre o sexo é considerada em períodos sucessivos, em que domina ora um ora outro, conforme a idade de cada progenitor. Assim, para o 1.º período que se estende até à idade de 22 anos, para os pais, a geração traz maior número de indivíduos masculino, dado que neste caso as espôsas são muito jovens. Entre 23 e 26 anos o homem é dominado pela mulher no ponto de vista da produção dos sexos (424 rapazes

para 467 raparigas). Quando o pai orça pelos 26 a 30 anos, nota-se igualdade na aparição dos sexos (402 rapazes para 403 raparigas).

Pode-se afirmar que na idade de 31 anos e para cima, o número de nascimentos entre rapazes e raparigas tende a fazer equilíbrio até aos 39 anos (663 rapazes e 698 raparigas).

As mulheres em França dão o máximo de raparigas entre os 23 e 24 anos; os pais produzem o máximo de rapazes aos 31 anos. O prof. M. Auliffe reconhece, de acôrdo com Orchansky, que desde que a idade do progenitor excede a da mãe para mais de 15 anos e meio, há maioria de nascimentos do sexo masculino (127 rapazes para 100 raparigas).

Também o autor teve ocasião de verificar os algarismos de Orchansky sobre as famílias numerosas (mais de 8 filhos), nas quais, em geral, o número de rapazes é excedente, quando o primeiro filho é deste sexo.

Esta lei pode porém sofrer infracções, como nota o próprio autor nas famílias francesas, de 8 filhos pelo menos.

Em conclusão: o máximo de geração de rapazes está em relação com o máximo de desenvolvimento físico e sexual do progenitor masculino, assim como o máximo de nascimentos de raparigas se relaciona com o máximo desenvolvimento físico-sexual da mãe ou melhor:

Cada progenitor tende a transmitir (como quem diz a impor) o seu sexo, na época da sua própria maturidade. Assim também, conforme as conclusões do mesmo autor, *o declínio funcional nos animais bisexuados faz aparecer os produtos do sexo oposto ao do progenitor exausto.*

Estes corolários são confirmados por observações seguidas sobre diversos animais por diferentes observadores.

Admite-se geralmente a influência de doenças infecciosas, intoxicações e outras causas, sobre o determinismo do sexo; mas tais estudos acham-se ainda atrasados para se poder chegar a qualquer conclusão científica.

Este assunto tem importância demográfica muito apreciável e as leis deduzidas dos factos numéricos reunidos na estatística explicam certos fenómenos que se passam nas populações, relativamente à desigual distribuição de machos e fêmeas.

O trabalho do prof. M. Auliffe é instituído sobre a população francesa, porém êle interessa a todos os países e bom seria que se repetisse em todos. Sem dúvida, o prof. M. Auliffe com os seus porfiados estudos conseguiu obter a verificação de factos e leis de hereditariedade sexual muito interessantes.

B. F.

A. A. MENDES CORRÊA — *A nova Antropologia criminal* — 1 vol. de 330 págs., publicação do Instituto de Antropologia da Universidade do Pôrto. Pôrto, 1931.

O A. principia por definir a Antropologia e mostrar a relação desta ciência com outras, e ao mesmo tempo a sua independência daquelas que lhe são afins por estudarem também o homem ou os agrupamentos humanos; expõe, depois, os métodos antropológicos e salienta a importância e necessidade de se intensificar o estudo da Antropologia, passando em seguida a descrever os diferentes tipos da morfologia médica e o valor dos estigmas da degenerescência.

Foca os factores individuais do crime e a sua importância, para podermos ajuizar com segurança da temibilidade do delinquente. Estuda o normal delinquente e o criminoso por hábito adquirido.

Analisa depois o criminoso constitucional, aquele que aparece em consequência das condições orgânicas e ingénitas, no qual as influências externas desempenham um papel etiológico quasi insignificante e que, portanto, é de regeneração duvidosa.

Depois de examinar o crime político, apresenta uma colectânea de termos da *gíria* dos delinquentes mostrando o interesse que tem o calão, as tatuagens e as alcunhas no seu aspecto moral.

Estabelece depois o paralelismo entre o criminoso e o mendigo; mostra como são análogas as causas que produzem um e outro e como a mendicidade se pode considerar uma fase preliminar, equivalente ou de preparação para o crime, indicando por fim os meios racionais e eficazes de a combater.

Aborda, agora, o problema eugénico em Portugal que, em face dos números apresentados, é de grande importância, pois a nossa população apresenta, em média, uma robustez deficiente que, se não fôr corrigida, conduzirá fatalmente à degeneração do nosso povo.

Passa a estudar o criminoso através das tradições populares, analisando as penalidades nas diferentes épocas da nossa história, e publica uma vasta colecção de adágios em que se espelham a índole e as qualidades do povo português e as concepções deste sobre os delinquentes.

Termina expondo as directrizes da nova Antropologia criminal, que é sobretudo psicologia individual do delinquente, não esquecendo as circunstâncias da vida vegetativa, as secreções internas, as condições mesológicas da existência, preconizando a acção moral como o principal meio de combate à criminalidade,

apelando emfim para «os homens de boa vontade e de são entendimento para uma grandiosa tarefa de aperfeiçoamento moral e de solidariedade humana, que se mantenha através das gerações, para o bem comum e para honra da espécie».

A. ATHAYDE.

G. H. LUQUET — *Le rire dans les légendes océaniques* — Extr. de «*Journal de Psychologie normale et pathologique*», Paris, 1930, págs. 268-288.

Tentativa de explicação do riso à luz dos ensinamentos colhidos em numerosas lendas da Oceania, nomeadamente do continente australiano e da Nova Zelândia.

Muitas das lendas referidas são documentos etnográficos curiosos pelo que nos dizem dos povos onde foram colhidas. Nas lendas transcritas são de várias naturezas as determinantes do riso. Nuns casos a etiologia do riso assenta em factores exclusivamente fisiológicos, enquanto que noutros podemos dizer que predominam os factores psicológicos. E assim é que em algumas das lendas o riso é provocado por danças grotescas, noutras por uma impressão agradável, ou por um incidente inesperado. Outras vezes o riso da lenda constitui uma punição ou castigo, e até mesmo uma ofensa. O riso de escárnio ou zombaria aparece em alguns casos. O sentimento de cumplicidade entre aqueles que riem, é ainda um caso a considerar. Outras vezes ainda o riso aparece como manifestação de simpatia.

O A. considera o riso em si como um conjunto de fenómenos fisiológicos traduzindo variados estados psíquicos. E tanto assim é, que na linguagem corrente se diz a cada passo, riso amarelo, riso franco, riso amargo, riso parvo, etc.

Interpretando e criticando as variadas lendas transcritas, o A. diz-nos: «l'explication du rire tirée de la psychologie individuelle est objectivement au moins aussi plausible que l'explication religieuse ou sociale».

Na série de considerações que vai dobando, pergunta qual a razão porque o rir era considerado uma instituição social, e depois de várias considerações termina assim:

«Le rire n'aurait pu acquérir une fonction sociale si les membres de la société n'avaient pas eu déjà l'expérience personnelle du rire, s'ils ne l'avaient auparavant chacun à part soi, associé à des états affectifs variés résultant de diverses circonstances du

milieu, où les conditions sociales tenaient assurément une place, mais non exclusive».

S. J.

FRANCISCO DE LAS BARRAS DE ARAGÓN — *La Regia Sociedad de Medicina y Ciencias de Sevilla y el Doctor Cervi* — Sep. do Boletín de la Universidad de Madrid. Madrid, 1930, 26 págs. e 4 figs.

Estudo sôbre a personalidade do italiano Dr. José Cervi, e da influência por êle exercida na vida e progresso da Regia Soc. de Med. e Cienc. de Sevilla, de que foi sócio e mais tarde presidente. Ao estôrço de Cervi se deve o não ter desaparecido aquela sociedade no seu comêço.

Barras de Aragón historia a fundação da sociedade, dá a lista dos primeiros sócios inscritos em 1700 e publica os estatutos sancionados pelo rei Carlos II, depois confirmados por Filipe V. Êste último rei concedeu àquela sociedade privilégios honrosos. Ê interessante o papel que aquela agremiação científica sob a influência de Cervi exerceu no ensino da anatomia. Num capítulo final transcreve-se a lista de publicações feitas pela Sociedade.

O presente trabalho do prof. Barras de Aragón, ilustre catedrático de Antropologia na Faculdade de Sciencias de Madrid, muito interessa ao estudo da história de medicina espanhola.

S. J.

Presença, I vol., n.ºs 1-27, Coimbra, 1927-30.

Dirigida por Branquinho da Fonseca, J. Gaspar Simões e José Régio, — *Presença* —, fôlha de Arte Crítica, apresenta novos com ideias novas, não excluindo estudos tradicionalistas, como: *Subsidios de arte popular portuguesa* (n.º 12), e *Os cantos populares do Natal e o Sentimento religioso popular* (n.º 23), por Afonso Duarte.

Estão relacionados com estes artigos os seguintes: Álvaro V. Lemos, *Uma tentativa no sentido da nacionalização do ensino*, «Portucale», III, pág. 7. Pôrto, 1930, e Afonso Duarte, *Folklore e Os cantos do Natal e o Teatro Religioso em Portugal* (Seara Nova, 1929).

R. S. P.